FAO BRASIL

SOCIALISMO LIBERTÁRIO

ÓRGÃO DO ANARQUISMO ORGANIZADO

18

N°18 - Ano V - Trimestre: Julho/Agosto/Setembro - 2008 - R$ 1,00

Jornada de lutas de junho

Na metade do mês de junho diversas mobilizações massivas ocorreram de forma coordenada em 17 estados de todo o país. Esse processo foi batizado de levante do povo brasileiro unindo movimentos sociais do campo e da cidade.

Pg.04

Os partidos da democracia burguesa vão as eleições

As eleições para o executivo e o legislativo dos municípios brasileiros vista pela crítica libertária. Os cenários municipais de São Paulo, Rio de Janeiro, Maceió, Porto Alegre, Salvador e Feira de Santana.

Pgs.05 e 06

A farsa dos preços dos combustíveis e alimentos

A relação entre a crise dos combustíveis e a dos alimentos, setores atingidos pela alta dos preços. Uma análise dos ataques especulativos que levantam o temor inflacionário pelo mundo.

Pg.07

ELEIÇÕES MUNICIPAIS

LUTAR E VENCER FORA DAS URNAS

COM AÇÃO DIRETA POPULAR

URUGUAI. 25 ANOS DE LUTA DA COLUNA CERRO - LA TEJA

DA REDAÇÃO

A histórica Marcha da Coluna Cerro-Teja do 1º de Maio em Montevidéu, capital uruguaia, cumpriu seus 25 anos neste último 1° de maio expressando sua identificação classista e a firme esperança de construir um processo que aponte à mudança profunda das atuais relações sociais. 25 anos que entroncam com toda uma história operária e combativa, com diversas lutas operárias e populares destas zonas, que se vincularam mais de uma vez com lutas gerais de toda a classe operária.

Este ano, com a motivação especial do 25° aniversário, se realizaram durante o mês prévio um conjunto de atividades, várias nos Ateneos do Cerro e de La Teja (Carlos Molina). Um delegado do FAO esteve presente.

Reproduzimos abaixo um trecho do manifesto lido de frente a praça dos Mártires Operários da Indústria Frigorífica:

"Os 25 anos de resistência marcam os muros do Cerro já faz várias semanas. É que neste ano tivemos que olhar esse punhado de anos, de experiência acumulada, de história dos de baixo e escutá-la... Esta marcha recorre a pé 10 kilômetros desde nossa barriada até o ato central dos trabalhadores. Mas sabemos que isso não é anedótico ou casual, não é caprichoso, esta marcha não se refere a um só dia. Refere todos aqueles que fazem possível que esta marcha ano após ano vença as diferentes travas e se realize, concorrida, operária, popular. Esta coluna é parte de uma concepção combativa, classista... De um sentir e fazer de luta, não um feriado, não um ato simpático comemorativo e nada mais. Mas uma jornada de denúncias e reivindicações dos trabalhadores, onde a expressão unificada de todos faça pesar com força e impulsione todos os conflitos em peleia e por pelear-se."

ARRIBA LOS QUE LUCHAN!!

PINTANDO E LUTANDO COM MURALISMO

fonte:coletivomuralharubronegra.blogspot.com

Com a prática muralista de intenção revolucionária fica registrada a denúncia sobre o acesso, a produção e o uso do conhecimento, o comprometimento com a transformação da realidade, com a participação e com o direito a voz. Viemos romper o cerco, potencializar os conflitos, pois não fazemos apenas muralismo, e, sim, acreditamos que o muralismo serve para informar os problemas sofridos pelo nosso povo que resiste a opressão. Defendemos o saber engajado com as lutas políticas e sociais dos oprimidos a partir de uma ação artística coletiva, solidária e como instrumento emancipatório.

MEMÓRIA LIBERTÁRIA

Uma imagem das milicianas que entre outros tantos personagens da história proletária combateram pelo socialismo e a liberdade naquela inesquecível Espanha revolucionária de 36, que completa em 19 de julho 72 anos.

RÁDIO ELAOPA. Onde cresce o poder popular dos latino-americanos

EQUIPE DE FOMENTO RADIO ELAOPA

Estamos transmitindo pela internet. Somos militantes sociais das Organizações Populares Autômas , os mesmos que se reuniram em um primeiro encontro no verão de 2003 em Porto Alegre (Brasil), depois em 2004 em Cochabamba (Bolívia) e em 2005 na cidade de La Plata (Argentina); 2006 em Montevidéo; Santiago do Chile em 2007 e outra vez mais voltamos a Porto Alegre em fevereiro de 2008. Enquanto os politiqueiros de sempre se reuniam em uma grande Universidade para a Conferência Mundial das Cidades, um congresso anti-povo, nós nos fizemos escutar nas ruas e a periferia da capital dos Gaúchos.

O plenário final do encontro de fevereiro de 2008 apontou construirmos uma rádio comum em português e em espanhol, e compartir programações próprias desta rádio pela internet e também retransmitir programas e áudios ao vivo das rádios comunitárias e populares dos movimentos filiados ao ELAOPA.

Pois aqui estamos, depois de um período de desenvolvimento técnico e material da tarefa, transmitimos agora para todos os nossos. A Rádio ELAOPA é uma tarefa que recém começa. Convidamos a toda a militância que ombro a ombro venha construir em conjunto uma realização que cresce desde o povo e para o povo.

Rádio ELAOPA, porque a palavra nunca se rende!

Fonte: elaopa.blogspot.com

Quem somos nós?

O Fórum do Anarquismo Organizado (FAO) é uma instância criada em 2001 para o debate e coordenação de grupos e organizações anarquistas entorno de um projeto militante para a realidade brasileira.
A Carta de Intenções, os elementos de análise e acordo político dos encontros nacionais constituem seu pacto associativo.

Nossos contatos:

SECRETARIA NACIONAL
relacoes@vermelhoenegro.org

VERMELHO E NEGRO.
vermelhoenegro@hotmail.com
cx.postal 280 CEP 44001-970
Feira de Santana-BA

COLETIVO ANARQUISTA ZUMBI DOS PALMARES.
cazpalmares@hotmail.com
cx.postal 136 CEP 57020-970
Maceió-AL

RUSGA LIBERTÁRIA.
rusgalibertaria@yahoo.com.br
cx. postal 3244 CEP 78060-200
Cuiabá-MT

FEDERAÇÃO ANARQUISTA GAÚCHA.
Região metropolitana:
secretariafag@vermelhoenegro.org
Sede Federal: Lopo Gonçalves, 339 - Cidade Baixa - Porto Alegre
cx.postal 5036 CEP 90041-970
Núcleo de Sta Cruz:
numo_scs@yahoo.com.br
Núcleo de Passo Fundo:
ca_zpalmares@yahoo.com.br

Socialismo Libertário

órgão do anarquismo organizado

É um periódico nacional coeditado pelos grupos aderidos ao FAO e seus colaboradores. Todos os artigos são de sua responsabilidade, salvo os assinados por colaboradores ou reproduzidos de outros lugares para informação e debate.

Página Web

www.vermelhoenegro.org

Outras referências:

anarkismo.net
nestormakhno.info
nodo50.org/fau
red-libertaria.net

Nada novo na democracia representativa. Só a luta popular decide!

Editorial

Chegamos ao segundo semestre do ano. Sendo ano ímpar, chegamos ao período das eleições parlamentares, agora para a gestão dos municípios. Nestes próximos três ou quatro meses, de maneira mais latente e até mesmo escandalosa, tudo gira em torno das eleições.

Na verdade, a disputa começou antes do calendário do TSE. Para aqueles que estão dentro da "máquina" até anúncio de obras ou projetos que ainda serão executados é pretexto para montar palanque político. Quando se tratou de inauguração, a festa foi completa: os olhos brilham a votos e estes tendem a ser convertidos em dinheiro e poder na forma de concessões estatais e favorecimentos.

Fabricando consensos, verdades e regulando discursos, situa-se a mídia como aliada direta ou tácita dos grupos políticos e econômicos que negociam coligações, candidaturas e favores, muitos favores.

Desse modo, ainda que ninguém veja, de maneira geral todos sabem, embora isso não implique necessariamente na busca de outras formas de fazer política. Do senso comum do catador, a criar e reciclar vida, ao cientificismo pedante e amorfo de diversos sociólogos e analistas políticos, ao jeito de cada um, todos tendem a concordar: as eleições não são decididas no voto, e sim, nos bastidores da política profissional.

Do interior alagoano, com convenções partidárias feitas em presídio para lançar candidatura a prefeito e vereador, às grandes metrópoles brasileiras na fictícia "disputa de projetos", especialmente entre PT-PSDB – que tem o real desvelado quando os dois concorrem no mesmo palanque em Belo Horizonte – o cenário, no fim das contas, é um só.

Com sotaques e formas de expressão particulares, muita coisa está em evidência nestas eleições municipais, só não a mais cara para nós anarquistas do FAO: o poder do povo para decidir e construir seu destino.

Disputa e cooptação política

O que mais se diz discutir é o que de fato menos se discute nas eleições de outubro: projetos de sociedade. A discussão é de paliativos, pois o projeto político é um só, tendo como um dos ideólogos e patrocinadores o próprio Banco Mundial que o expôs na última Conferência Mundial das Cidades realizada em Porto Alegre, em fevereiro deste ano.

Temas como violência, "humanização" de favelas, infra-estrutura, sustentabilidade e governança, são recorrentes e pautadas por uma mesma lógica. Recentemente o ex-prefeito de Bogotá (COL), Antanas Mockus, esteve a rodar pelo país realizando reuniões e palestras dissertando sobre sua experiência de gestor no combate a violência, propagando uma "cultura da paz". Suas idéias estão, inclusive, presentes no recém Programa Nacional de Segurança e Cidadania (Pronasci) do Ministério da Justiça do Governo Federal.

Casado a esta "promoção" de paz e cidadania, está a modalidade de "desenvolvimento local", variante do desenvolvimento sustentável. Carrega consigo todo o vocabulário de "cultura empreendedora", capital humano e capital social, a ser posto no horizonte de pequenas localidades para o seu desenvolvimento e sua inserção produtiva (que na verdade é muito mais uma anexação a toda uma cadeia produtiva controlada pelas elites).

De concreto, o que sobra é a generalização de políticas excludentes praticando o que eles chamam de "higienização" das cidades, expulsando camelôs, catadores e moradores de rua, como também maior vigilância e repressão nas periferias. Nos meios rurais está especialmente posta a garantia de reprodução da estrutura fundiária e sua sintonia com a política global do agronegócio.

A verdade é que todos sabem onde sujam as mãos. O PT busca fortalecer sua base eleitoral para 2010 e a "oposição" burguesa do quilate de PSDB e DEM, reverter o quadro a seu favor. Com a pelegada não é diferente. O PCdoB quer declarar "independência" do PT e forma com PDT, PSB e outros um chamado "bloco de esquerda" para ganhar fôlego e espaço para 2010. Nada além disso.

No caso do PSOL, o que faria Heloisa Helena sair como "simples" candidata a vereadora em Maceió? De maneira confessa, é a necessidade de eleger parlamentares. No projeto político que o PSOL representa, é uma questão de necessidade imperativa e estas eleições, no fracasso ou sucesso, muito dirá para o seu futuro.

O que enfatizamos é que não se trata da falta de vontade política, pois a política estatal-eleitoral é a política dos conchavos, do clientelismo. É nesse esquema que ela se estrutura e se reproduz, que é corrupta e corruptora. Não estamos a discutir caráter ou intenções, boas ou más, equivocadas ou não, de um candidato ou de um partido. A ilusão também está presente nas fraseologias e discursos raivosos daqueles que pensam serem "mais espertos" afirmando "usar a democracia burguesa contra a burguesia". Talvez quando se acredita ser, por auto-proclamação, a encarnação dos interesses dos oprimidos, tenha sentido imaginar a imunidade junto a esta estrutura corruptora.

A política profissional, a política do Estado e suas eleições, é também a da cooptação política. E aqui está justamente a preocupação e o cuidado que devemos ter, debatendo com os militantes dos movimentos sociais para que estes não se percam e, mesmo sem perceber, sejam tragados pela política dos dominadores.

Portanto, ao falar de uma outra forma de fazer política, na qual afirmamos ser feita pelo povo (auto)organizado, falamos especialmente de concepção e método. Está abrigado no desenvolvimento deles – e não na conquista de "hegemonia" dentro do aparato estatal ou em discursos raivosos – a capacidade de transformação social que pretendemos construir no seio do povo. Com criatividade e disposição, o protagonismo de classe nasce da ação direta, não posta como acessório de discurso político, mas gerada em todas as suas implicações como concepção e método de luta.

Na luta decidimos, na luta construímos o poder do povo!

Em meio as definições de alianças e candidaturas eleitorais, presenciamos a luta do povo indígena em Roraima sendo tratada como caso de polícia pela mídia, o movimento estudantil ser investigado pela Polícia Federal nas universidades e, especialmente, os movimentos populares terem o cerco fechado, no bombardeio ideológico e repressivo, chegando ao auge na declaração de ódio de classe da justiça gaúcha ao querer dissolver o MST.

Fora do calendário do TSE, militamos nessa hora solidariedade de classe, a ser praticada em cada luta construída e em cada pingo de suor derramado no ombro a ombro com os companheiros e companheiras. É lá onde está o poder de nossa classe, é lá onde se constrói um projeto para os de baixo.

GT NACIONAL FAO

Clássicos

ROJO Y NEGRO

Ano 1 dezembro de 1968 nº2

A luta por objetivos imediatos não é por si mesma incorreta; pelo contrário. Quanto mais precisos, mais concretos e mais compreensíveis pela gente sejam os temas de luta (a plataforma imediata) mais possível será promover a ação popular e gremial e assim criar consciência sobre os assuntos de fundo (o programa).
Tudo depende do objetivo que se tenha, e portanto do método que se aplique. Não é reformismo lutar por objetivos imediatos. Como não é tática revolucionária aconselhável "preparar-se"sem atuar nas coisas de todos os dias, se neutralizar até que "venha a revolução" (que assim não virá nunca). Por outra parte, pode se postular verbalmente o programa mais completo, nacional e internacional, e ser um contumaz reformista, se se acredita e ensina que o método para conquistar esse programa é um método legalista, parlamentário, eleitoral.
O que diferencia um reformista de um revolucionário é, fundamentalmente, o método, basicamente relacionado com o que cada um quer. O reformista, o reformismo, tem uma estratégia para perdurar dentro do sistema, constituindo um grupo de pressão para obter mudanças pacíficas e legais dentro do sistema. O revolucionário, pela ação direta popular processa lutas, livra a batalha ideológica, para criar assim as condições para a forja revolucionária do poder popular.(...)
Quando a repressão questiona os mais elementares direitos, os reformistas se aferram a uma perspectiva eleitoralista, em cujo serviço pretendem colocar toda a mobilização, o combate verdadeiro das massas.
Quem extrai da experiência das medidas de segurança conclusões de direita, acha que é por excesso de luta e não por demasiado recuo, que se tem chegado na situação atual.
No fundo de tudo isto há uma concepção ideológica, que está na raiz da análise que fazem da realidade do país, e dos métodos que usam em comum, as chamadas "alas esquerdas" que seguem planejando dentro dos partidos de direita; e as direções de direita de "partidos de esquerda". Juntas constituem uma espécie de "Oposição de sua Majestade", uma decoração cada vez mais inofensiva ao regime...

CAMPO E CIDADE. Um balanço libertário da jornada de lutas do mês de junho.

Na metade do mês de junho diversas mobilizações massivas ocorreram de forma coordenada em 17 estados de todo o país. Esse processo foi batizado de levante do povo brasileiro unindo movimentos sociais do campo e da cidade. O alvo das manifestações eram as transnacionais e a seu poder sobre a terra, a água, as sementes, a biodiversidade, o preço dos alimentos e da energia. As mobilizações foram reprimidas pela polícia para a proteção das transnacionais. Fazemos aqui uma avaliação dessa jornada a partir da modesta participação que tivemos nesse processo, destacando o que ocorreu no sul do país.

Desde a sua construção, a jornada de lutas pautou a necessidade de aliar campo e cidade numa pauta política comum que rompesse o corporativismo, o caráter reivindicativo das lutas e seu conseqüente isolamento. Afinal de contas, os problemas que afetam uma e outra categoria ou movimento organizado acabam tendo a mesma origem, ou seja, na atual etapa do capitalismo em que a riqueza está cada vez mais concentrada, o inimigo comum está representado pelas empresas transnacionais. Desse modo, combater as transnacionais ao mesmo tempo significaria buscar avançar politicamente enquanto classe.

O método de luta escolhido para está jornada de lutas unificada foi único e esteve representado pela ação direta popular. Apesar de articulação campo e cidade, podemos afirmar sem dúvida nenhuma que o principal sujeito nessa jornada de lutas é o que está organizado no campo, ou melhor, pelos movimentos que compõem a Via Campesina. Os movimentos urbanos e daí inclui-se também o sindical foram coadjuvantes nesse processo.

Com isso, podemos refletir sobre a afirmação que diz haver um limite das formas de luta protagonizadas nos últimos anos em nosso país. Talvez essa leitura sirva apenas numa avaliação das lutas travadas hoje no campo, em que o inimigo mudou de figura, não sendo mais o clássico latifúndio improdutivo, mas sim as transnacionais. A mesma avaliação, no entanto, não serve para a cidade, pois essa realidade não encontra apenas o limite nas formas de luta, mas principalmente nas práticas políticas desgastadas ao longo das últimas duas décadas. Querermos dizer com isso que na cidade o movimento sindical passou por um agravado processo de burocratização fruto das opções que tomou a CUT e o projeto de intenção reformista capitaneado pelo PT que hoje opera como elite dirigente as políticas neoliberais. Processo similar ocorreu com os movimentos populares urbanos, enfraquecidos pelo vínculo institucional estabelecido ao longo da década de 90 e pela relação de clientelismo que exclui a ação direta enquanto princípio e método capaz de se obter conquistas. A tarefa que se coloca para a cidade, portanto, requer esforço redobrado, pois trata-se de reconstruir o sindicalismo classista e combativo pela base e reagrupar as forças capazes de impulsionar os movimentos populares com independência de classe por fora da institucionalidade burguesa e seus mecanismos de cooptação.

Governo corrupto e Estado Policial

A jornada de lutas no Rio Grande do Sul ganhou repercussão nacional, principalmente devido à repressão policial que deixou dezenas de companheiros (as) entre feridos e detidos. Foram duramente reprimidas as manifestações na região norte do Estado e na Capital, sendo a primeira na desocupação da área da empresa Bunge e a segunda no pátio de um supermercado de propriedade da Wall Mart.

A conjuntura em que se dão às mobilizações é a de uma crise política que vêm a tona: são os escândalos de corrupção envolvendo o governo do Estado com a cooptação dos partidos pelo loteamento de órgãos públicos aos seus interesses de financiamento e poder. Na política econômica, o Estado está fiado pelo Banco Mundial e no modelo econômico que é administrado pela fazenda de Lula com os banqueiros e a coalização dos partidos das oligarquias que fazem parte do seu governo. Para manter essa estrutura de dominação, emerge na cena política as forças policiais com um discurso moralizador sobre as perturbações da ordem pública, fazendo da estrutura de poder um Estado Policial.

Estamos chamando de Estado Policial uma formação política especial do poder dominante na luta de classes, em que se faz cada vez mais presente o monopólio da violência como recurso da política. Para as classes oprimidas, esse Estado Policial diminui os espaços de liberdades públicas e impõem o medo pela ameaça repressiva como fator de controle social. Esse Estado é articulado como discurso pelos meios de comunicação e tem penetração nas classes médias pela figura sempre eminente da delinqüência, do distúrbio e da violação da propriedade. É um discurso moralizante e conservador, discurso do dever e não dos direitos sociais, onde o a aparelho policial fala pelos comandos do Coronel Paulo Roberto Mendes como instituição normativa mais idônea para dar ordem a uma sociedade injusta e desigual como a nossa.

Nesse contexto, o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra foi feito o alvo de uma política de criminalização da pobreza e dos movimentos sociais que está sendo levada no estado do RS. Nessa política de Estado Policial concorrem governo executivo, aparelhos de justiça, grupos de mídia, corporações transnacionais e latifundiários, com a força policial cumprindo e fazendo a lei pelo comandante da Brigada Militar.

Solidariedade de classe pra resistir ao inimigo e superar o reformismo

Os movimentos sociais e principalmente o MST, como o movimento social mais expressivo das lutas da classe trabalhadora neste Estado, são alvo de um complô dos poderes institucionais e econômicos para quebrar a resistência popular ao modelo opressivo que se impõe pelas elites gaúchas e as transnacionais. Nossa modesta força militante está solidária. O MST e a luta sem tréguas por reforma agrária são a causa de todos e todas que peleiam um mundo novo sem pedir bexiga.

Dessa jornada de junho tiramos a lição de que a solidariedade de classe se faz lutando, pois o movimento de massas não pode servir como grupo de pressão dos interesses políticos de partidos eleitorais. Na luta devemos ter horizontes políticos próprios para não cedermos a posições políticas intermediárias que operam na institucionalidade. Não podemos recuar diante da pressão do inimigo de classe. A tarefa que nos é coloca para esse momento passa por reforçar os espaços de articulação entre os movimentos do campo e da cidade, com independência de classe e combatendo as concepções reformistas.

Reorganizar o sindicalismo classista pela base, dar expressão de luta aos pobres da cidade e empoderar a voz das comunidades sem pedir licença são as tarefas da hora, destes tempos difíceis, em que a melhor solidariedade se faz lutando.

nossas urgências não cabem nas urnas...

ELEIÇÕES MUNICIPAIS
Só a luta popular decide pra valer.

Julho deu a partida na campanha eleitoral que deve mobilizar os municípios brasileiros até o mês de outubro. Muitos temas de urgência e reconhecido apelo popular entrarão na cena da política para a retórica do jogo. O FAO e suas organizações estarão também em franca campanha, não como um partido mais da democracia burguesa, mas como esforço de um projeto militante que briga seu programa na trincheira da luta e organização popular, fora das urnas.

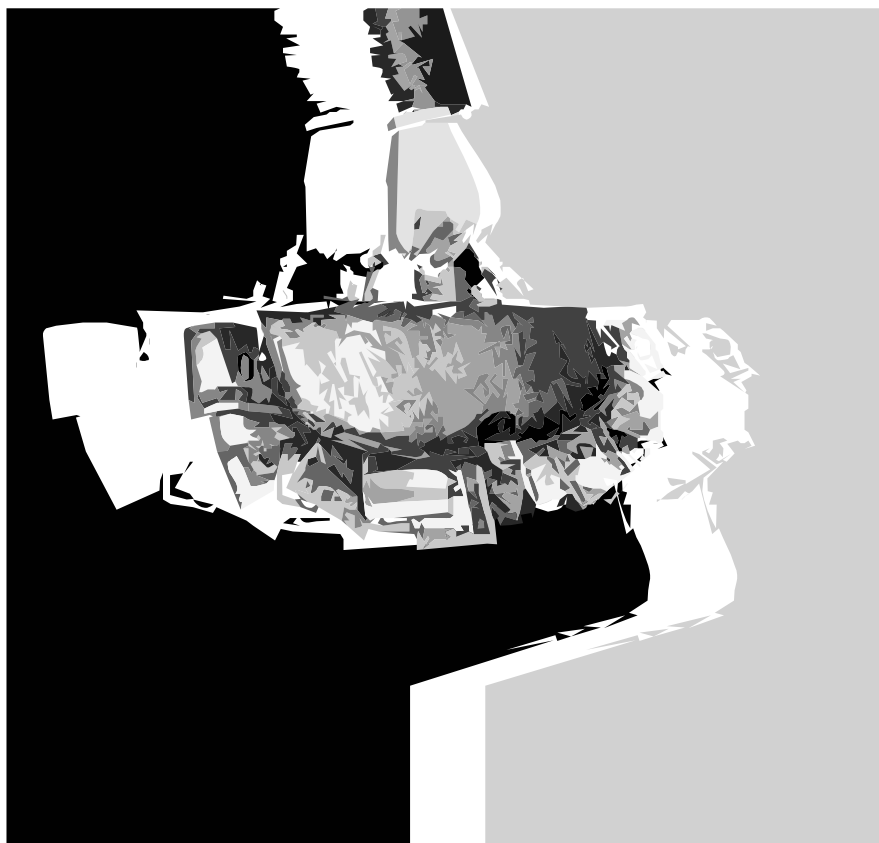
SP. *Condomínio na enchente.*

Quem for eleito para prefeito de São Paulo vai controlar o terceiro maior orçamento público do país. A capital paulista só perde em recursos para a União e para o estado de São Paulo. Neste ano, os candidatos com mais chances de vitória tem a diversidade de uma reunião de condomínio de luxo. Os quatro, independente da legenda partidária, tem raízes étnicas e sociais parecidas e representam os mesmos setores da elite paulistana. Apesar de projetos quase iguais, o interessante é que esta mesma elite está fraturada na sua interna. Concorrem: - Marta Suplicy (PT), ex-prefeita e ex-ministra do Turismo de Lula; - Geraldo Alckmin (PSDB), ex-governador de SP e ex-prefeito de Pindamonhangaba; - Celso Kassab (DEM), atual prefeito com estilo de Jânio Quadros; e o incansável - Paulo Maluf (PP), buscando voltar para sua maior fonte de financiamento pessoal.

O difícil para qualquer gestor do capitalismo é assumir o óbvio. Uma mancha urbana como a de São Paulo capital é simplesmente ingovernável. Todo o projeto da cidade é voltado para a especulação imobiliária, a ocupação das vias por carros e mais carros, e o crescimento através de grandes obras também implica volumosos negócios escusos. Basta lembrar o buraco da Linha 4 do metrô de São Paulo, onde as cinco maiores empreiteiras do Brasil, junto a duas transnacionais, cometeram uma série de crimes e nem sequer havia fiscalização do Estado sobre as obras. Mas, São Paulo é tão ingovernável para a direita como é possível elevar os níveis de luta popular. Algumas categorias essenciais, como os metroviários, já deram prova dessa capacidade de virar o sistema de ponta a cabeça através de uma greve típica para a reivindicação de direitos. O povo trabalhador que é responsável por 40% do PIB brasileiro pode abrir caminhos para alternativas além do voto da democracia burguesa.

RJ *O avanço dos neopentecostais*

A eleição municipal da segunda maior cidade do Brasil pode ser encarada como a missa de sétimo dia da "esquerda" eleitoral carioca e fluminense. A classe política de lá é uma herança complicada de brizolismo corrupto e dos herdeiros do governador Chagas Freitas, aliado dos bicheiros (conhecido como chaguismo). Após os dois governos da família Garotinho, outra ameaça paira sobre a elite cultural do Brasil. Trata-se da prática política igualmente corrupta, mas de forte apelo popular e penetração em áreas de favela, com os neopentecostais à frente. Por incrível que pareça, o bispo-senador Marcelo Crivella (PRB) representa o clientelismo favelizado contra o ex-guerrilheiro deputado federal Fernando Gabeira (PV, PSDB e PPS), que concorre à Prefeitura com o apoio da família Marinho (Organizações Globo), das federações do Comércio e da Indústria e dos artistas globais.

Outras candidaturas de políticos profissionais procuram representar setores definidos, mas os discursos não colam. Solange Amaral (DEM), candidata arquiteta, é o braço de César Maia no continuísmo; o ex-tucano Eduardo Paes (PMDB) representa o chefe, o também ex-PSDB e atual governador Sérgio Cabral Filho; o ex-petista e dep. Federal Chico Alencar (PSOL) é o que sobrou da classe média de esquerda carioca; Jandira Feghali (PC do B), por incrível que pareça, é a candidata mais ligada aos royalties do setor petrolífero e sua candidatura implica na presença dos interesses da Petrobrás; por fim, o PT passa vergonha com o desconhecido Alessandro Molon. O Rio de Janeiro tende a imitar as políticas "pacificadoras" de Bogotá, capital da Colômbia. Muita oferta cultural e controle social direto, tanto através das quadrilhas de narcotraficantes, paramilitarismo das "milícias" ou apenas com o crime de Estado oficial executado pela PM e a Polícia Civil. A única alternativa popular está justamente na possibilidade de autoorganização e defesa dos direitos básicos das comunidades de favelas. No olho do furacão está a saída para o início do poder do povo sobre si mesmo.

Os partidos da democracia burguesa vão às eleições

MACEIÓ - AL. *Do plantão de polícia, rumo ao segundo mandato.*

COLETIVO ZUMBI DOS PALMARES

Com o afastamento de praticamente metade da Assembléia Legislativa de Alagoas, após indiciamento na operação Taturana da Polícia Federal, dificuldades político-financeiras nas eleições da capital e, principalmente, do interior são previsíveis. Muitas fontes financiadoras estão comprometidas o que atrapalha a campanha de muitos candidatos a vereadores e prefeitos.

Em Maceió, o panorama para as eleições municipais traz como franco favorito a reeleição do atual prefeito Cícero Almeida (PP) que alcança grande popularidade tanto na periferia, como na classe média.

Conquistou altos índices de aprovação baseado em obras de urbanização e infra-estrutura que melhoram o trânsito, dão a impressão que a periferia está recebendo a atenção tão esquecida em outras gestões, mas não arranha em nada a profunda desigualdade e situação de miséria da maioria da população. Aliás, na área social, a Secretaria de Assistência Social chegou a ter verba federal cortada por não ter prestado contas.

Partidos como PT e PSDB correm por fora e são meros azarões, um a falar das verbas do governo federal que vem para o município e outro a se valer da máquina estadual. De todo modo, os opositores do pleito não demonstram força num cenário que dificilmente mudará e se algo inusitado ocorrer, não será sem o aval daqueles que realmente controlam a vida política na capital e em todo o estado.

A aliança já renovada com o seu "padrinho político" João Lyra, na retaguarda – um dos maiores usineiros do estado e caricatura da classe exploradora – demonstra a força do bloco de Cícero Almeida. No partido de João Lyra (PTB), abriga-se o senador Collor e o deputado federal Augusto Farias. Na composição da coligação entra até o PCdoB, fato que já não é de se espantar, a considerar seu histórico que carimba até mesmo apoio a Collor quando este foi eleito governador.

Antigo apresentador de programa policial em uma TV local, Cícero Almeida ganhou fama explorando a miséria humana onde o alvo de suas reportagens era sempre o povo pobre da periferia, tachado de bandido e marginal sem nunca questionar os verdadeiros ladrões do povo: a elite e os pistoleiros, membros do "sindicato do crime".

O cenário nos coloca um desafio: desconstruir a esperança em tipos como este, que se utiliza de sua origem popular para garantir a riqueza e o poder a uma minoria.

PORTO ALEGRE - RS. *Política municipal de pautas marcadas.*

FEDERAÇÃO ANARQUISTA GAÚCHA

Logo que iniciaram os debates dos candidatos à Prefeitura da capital gaúcha, a mídia burguesa já cumpria o papel de pautar os temas considerados relevantes para a cidade. Entre os temas listados, a maioria é parte de um mesmo projeto higienista que criminaliza a pobreza e justifica as medidas repressivas com discurso moralizador, como por exemplo: a retirada dos pedintes e flanelinhas das esquinas, o cercamento de parques, a retirada das carroças e carrinhos de catadores das ruas, a revitalização do centro e o controle da natalidade.

Tratando-se dos debates em si, os discursos do atual prefeito José Fogaça (PMDB) e de Maria do Rosário (PT) não diferem quando levados para o campo da prática. Fogaça rompeu o ciclo de 16 anos do PT na prefeitura e manteve os mecanismos de dominação criados por esse que cooptaram os movimentos populares trazendo-os para a institucionalidade do Orçamento Participativo. A novidade da gestão Fogaça foi o restabelecimento das relações com o Banco Interamericano de Desenvolvimento (BID), que orienta o arrocho salarial dos municipários e as políticas de exclusão que expulsam a pobreza e preparam terreno para a Copa do Mundo em 2014, beneficiando a elite local.

Nem mesmo as ditas alternativas à esquerda, representadas na figura de Manuela D'Ávila (PcdoB) ou Luciana Genro (PSOL) seriam capazes de modificar as diretrizes globais definidas para a cidade. Manuela é parte de uma coalização que reúne até partidos de situação e Luciana, aliada ao PV, tece elogios a RBS para não perder os holofotes, além de fazer discurso brando e posar de ética na política.

Para além das urnas, somente a solidariedade de classe e a luta dos oprimidos dessa cidade poderão garantir a dignidade para os trabalhadores e a sonhada Reforma Urbana para os de baixo. Em tempos de Copa do Mundo a cidade irá receber R$ 1 bilhão e 200 milhões de repasse do Governo Central, recurso esse que devemos pelear para que atendam aos interesses e as necessidades do povo e não das empreiteiras ou caixa 2 dos partidos.

SALVADOR E FEIRA DE SANTANA - BA.
A Bahia e os fantasmas que rondam a política burguesa.

VERMELHOE E NEGRO

Como na maioria das cidades do país os arranjos políticos que definem as candidaturas para vereadores e prefeitos vai chegando a sua reta final. Na Bahia, do litoral ao sertão, a disputa pelo aparato estatal tem um fator determinante, os fantasmas que rondam a política burguesa (alguns ainda bem vivos!) definirão o tom das brigas.

Na capital, Salvador, as disputas apontam num primeiro momento, para uma polarização entre os herdeiros diretos e indiretos do "sr. Malvadeza", o falecido Antônio Carlos Magalhães, ACM. A alma penada do ex-coronel da Bahia tem um herdeiro direto, o deputado federal ACM Neto (DEM), como um dos candidatos que entram com mais peso nas eleições municipais. Antônio Imbassaí (PSDB), ex-prefeito e outro herdeiro direto do carlismo, também entrará na disputa com um certo peso. O atual prefeito João Henrique (PMDB), filho do morto-vivo, senador João Durval Carneiro (PDT), será candidato a reeleição, mas com o ônus de uma gestão fracionada e fracassada, desgastado politicamente. João Henrique, traz consigo outro fantasma, mas este bem vivo, Geddel Viera Lima (PMDB), Ministro da Integração Nacional e candidato a novo coronel da Bahia. João Henrique, é um dos candidatos da base do governador Jaques Wagner (PT), apesar de não ser o preferido.

Ainda na capital, o candidato petista Walter Pinheiro, esse sim o preferido do governador, mas que corria por fora, entrou na disputa com a desistência da candidatura de Lídice da Mata (PSB), que já foi prefeita de Salvador e tem bastante peso eleitoral na capital, e será a vice de Pinheiro. O PCdoB, que pleiteava ser vice do PT, com Olívia Santana, ameaça manter sua candidatura própria, mas tudo indica que desista para fechar com Pinheiro e Lídice.

A "Frente de Esquerda" do PSOL, PSTU e PCB, caso seja reeditada nestas eleições municipais, terá candidaturas quase invisíveis tanto na capital, como em todo interior do estado, reflexo do pouco peso que possuem os partidos que integram esta "frente eleitoral de esquerda".

Na "capital do interior", Feira de Santana, os fantasmas também dão o tom da disputa. Último grande reduto do carlismo, a segunda maior cidade da Bahia, terá um candidato que também é herdeiro político direto de ACM, Tarcísio Pimenta (DEM). Por outro lado disputam com Tarcísio dois candidatos apoiados pelo governador Wagner. Sérgio Carneiro (PT), também filho de João Durval, em uma candidatura que terá coordenação direta do seu pai, tendo o PCdoB como vice, e Colbert Martins Filho (PMDB), que agora é também um apadrinhado político do ministro Geddel e que vive da memória de seu pai, o ex-prefeito Colbert Martins. A disputa aponta para um segundo turno entre Tarcísio e um dos candidatos do governador.

Com o palco armado, as campanhas começam a tomar seus contornos, com os discursos girando em torno dos mitos políticos construídos em cima de figuras que em sua maioria exerceram mandatos no período do regime militar ou foram agentes diretos da Ditadura fascista no Brasil. Na Bahia os fantasmas, e o dinheiro, definirão os rumos da política burguesa.

internacional

A farsa da alta real dos combustíveis e dos alimentos.

Vamos expor sem um exagero de números e dados, a relação entre a crise dos combustíveis e a dos alimentos, ambos setores atingidos pela alta dos preços. No momento, a humanidade sofre dois ataques especulativos que implicam no temor inflacionário pelo mundo. Vamos desconstruir o fantasma delirante alegando semelhanças entre o momento atual e as crises de 1929 ou a do petróleo em 1973. O capitalismo não está em crise, muito pelo contrário.

O problema nasce nos Estados Unidos, onde há uma perda de credibilidade nas instituições e empresas mais importantes sediadas no Império. A falta de crença nos pilares do capitalismo estadunidense atravessa os meios de comunicação – daí a diminuição da tiragem dos jornais impressos, passa pelo bipartidarismo viciado entre Democratas e Republicanos e atinge no meio os operadores do mercado financeiro, bancos e mega corretoras. Por fim, não escapam as corporações transnacionais, as mesmas que fraudaram seus próprios balanços econômicos diante da Receita e do Banco Central dos EUA (o Fed). Estes pilares do capital no Império representam os setores que deram suporte ao governo neoconservador de Bush Filho. Aproveitando a "janela de oportunidades" surgida com os atentados do 11 de setembro, quando um presidente eleito através de fraude eleitoral escancarada passa a liderar a cruzada mundial contra o terrorismo, as bases de Bush Jr. ultrapassaram todos os limites do tolerável até para o vale tudo capitalista.

As maiores empresas do Império nos últimos 8 anos vem fraudando balanços, mentindo para o mercado de capitais e vendendo moeda podre na base de promissórias. Uma casa, financiada através de hipoteca bancária, era "revendida" outras 36 vezes, sendo dada como garantia para mais empréstimos. As dívidas da classe média estadunidense levaram à execução de hipotecas de mais de 1 milhão de famílias, equivalendo a cerca de 5 milhões de pessoas sem teto de uma hora para a outra. Não havia mais como sustentar o sistema financeiro do ponto de vista da legitimidade e, assim como fez FHC com o Proer dando socorro aos bancos, o Fed interveio aplicando um ajuste financeiro, infiltrando agentes de inteligência dentro das casas bancárias e dos fundos de investimento e tentando regular um pouco a jogatina especulativa. Os escândalos seguidos de fraude nos balanços e prejuízo para investidores avulsos atingiram a gigantes como Merrill Lynch, Goldman Sach, Enron, Bear Sterns, Arthur Andersen, dentre outras. O mesmo se sucedera na quebra da Malásia em 1997 e 1998, quando o ataque especulativo e as loucuras dos operadores do banco inglês Baring Brothers puseram em cana um operador financeiro que pagara o pato por toda a instituição. Agora ocorre o mesmo, quando alguns executivos são presos pelo FBI. O "ajuste" é apenas isso, entregar alguns dedos para não perder a mão inteira.

As maiores empresas do Império nos últimos 8 anos vem fraudando balanços, mentindo para o mercado de capitais e vendendo moeda podre na base de promissórias.

A faxina passa pela própria casa do Império, e agora o alvo alimentado de furor especulativo são dois bens estratégicos que os operadores do capitalismo global chamam de "commodities". Isto porque o chamado "complexo industrial-militar" abre um rombo sem fundo na dívida pública (interna) dos EUA e obriga o mundo inteiro a comprar em dólar e sustentar as intervenções imperialistas para o controle do petróleo no mundo. A alta do "ouro negro" justifica tudo. Encobre uma guerra sem fim no Iraque, onde o governo dos Estados Unidos torra US$ 2.000 dólares por segundo enquanto gera os maiores lucros da história para as transnacionais executoras de contratos com as forças armadas deles. Alta essa que justifica a defesa das reservas mundiais localizáveis, avança contra o santuário ecológico no Alaska, busca quebrar o comando de estatais petroleiras – como foi o caso do roubo dos segredos nos notebooks da Petrobrás transportados pela Halliburton; fortalece o lobby sionista em Washington (força essa que só de lobistas e marketeiros emprega mais de 7.000 funcionários) e aplica a chantagem global contra países produtores como Irã e Venezuela.

Mentiras midiáticas para ação imperial.

Com a "escassez" dos alimentos a história como farsa se repete. Como os governos dos países subdesenvolvidos, como Brasil, Índia e Argentina, dolarizaram os produtos primários, incentivando as exportações, com o aumento da área plantada na Europa e EUA para biocombustíveis, o preço dos alimentos é imposto pelos países ricos e financiado por estes governos. O preço subiu porque sai mais caro para os países centrais financiarem a produção primária de seus agricultores. Mas, é bom compreender esse dado absoluto, o mundo tem abundância de alimentos e escassez de distribuição. Só a vizinha Argentina produz comida para alimentar a mais de 300 milhões de habitantes. O país hermano tem menos de 40 milhões e poderia dar de comer a mais da metade dos 517 milhões de latino-americanos.

O que encarece os alimentos em países como o nosso é o fato de não haver subsídio agrícola e a punição do orçamento sempre vai para a agricultura familiar. Para a safra 2008/2009, o governo de Lula vai investir seis vezes mais nas monoculturas de exportação do que na agricultura familiar e camponesa. Deste modo, o chamado agro "negócio" que vai negociando através do financiamento público e produzindo com veneno e sementes transgênicas, torna mais caro para os consumidores o alimento produzido sem ajuda do Estado e para consumo interno. O mesmo se dá com os biocombustíveis e o caso brasileiro é o mais gritante. Só o Brasil tem petróleo de sobra e planta menos de 2% de sua área agricultável em cana de açúcar. O mesmo ocorre com o álcool e os demais biocombustíveis. A monocultura é danosa, o Estado não intervém com estoques reguladores e os usineiros fazem a festa do lucro fácil apostando no mercado futuro (na "alta" por escassez).

Tudo sem "necessidade real", porque a armadilha está no modelo. É possível construir usinas de álcool ao custo de R$ 10.000,00 e com menos de 20 hectares de cana plantadas. O consumo seria local e não haveria a cadeia de especulação. Mas, para atingir essas metas de desenvolvimento, não fazem falta planos mirabolantes, mas sim luta direta. Na Venezuela, mesmo sob o governo de Chávez, foi somente após a reação popular de abril de 2002 que se tomou o controle da Pedevesa. Somente o controle popular freia a especulação promovida pelo controle de cadeias produtivas e fomentada pela fábrica de mentiras chamada mídia capitalista.

A **estratégia libertária** e a negação da democracia burguesa

O debate sobre as eleições e a democracia burguesa, assim como qual deve ser a posição dos trabalhadores e suas organizações frente aos processos eleitorais, é algo que permeia o movimento operário-popular e os partidos/organizações de esquerda desde meados do século XIX. Ou seja, é um debate antigo, que surge com o próprio nascimento da democracia burguesa e do sufrágio universal.

As mobilizações populares de 1848 que sacudiram vários países da Europa, derrubando diversos governos, e ficaram conhecidas como a "Primavera dos Povos", demarcaram o início dos regimes de sufrágio universal, a partir da ampliação do direito ao voto para os trabalhadores e da representação parlamentar. O regime de sufrágio universal, ou seja, o regime democrático-burguês onde todos possuem direito ao voto, nasce como uma concessão dos dominadores, para frear o avanço das lutas populares, e ao mesmo tempo, cooptar boa parte dos setores da esquerda, que passam a legitimar as

Um debate velho, mas vivo

Mesmo sendo uma discussão secular, a polêmica sobre a participação nas eleições permanece viva, sempre renascendo dentro do campo da esquerda. As posições adotadas sobre as eleições são fundamentais para as definições estratégicas das organizações de esquerda.

A ascensão do Partido dos Trabalhadores (PT) ao governo federal, como conseqüência de um processo de priorização da estratégia eleitoral por parte do PT, em paralelo ao seu processo de degeneração política, que transformará a cúpula do PT na nova elite dirigente do país, a serviço do capital, demarca o encerramento do chamado "ciclo petista", período de mais ou menos 20 anos de hegemonia petista na esquerda, que vai das greves operárias do ABC paulista e formação do PT, até a eleição do governo Lula, e reabre com força o debate sobre a participação da esquerda nos processos eleitorais do regime democrático-burguês.

Com o fim do "ciclo petista" o esgotamento da via eleitoral no Brasil é hoje algo evidente, tão evidente como a miopia dos partidos reformistas, que insistem em participar e legitimar o jogo eleitoral.

Os anarquistas e as eleições

Dentro do anarquismo o debate sobre o sufrágio universal também é algo secular e diversas opiniões podem ser encontradas em autores clássicos do pensamento libertário como Proudhon, Bakunin ou Malatesta, que escreveram sobre o sufrágio universal ou trataram do tema de forma transversal em outros escritos.

Nas palavras de Bakunin, *"o sufrágio universal é a exibição ao mesmo tempo mais ampla e refinada do charlatanismo político do Estado; um instrumento perigoso, sem dúvida, e que exige uma grande habilidade da parte de quem o utiliza, mas que, se souber servir-se dele, é o meio mais seguro de fazer com que as massas cooperem na edificação de sua própria prisão."*

O italiano Errico Malatesta, polarizou com os socialistas, e até mesmo com os anarquistas, que acreditam na disputa do parlamento burguês e nas eleições, para o italiano *"foi o sufrágio universal que fez com que um certo socialismo encontrasse a oportunidade, que ele a tenha ou não procurado, de se situar no terreno parlamentar e, assim, de se corromper e de se aburguesar."*

Antes destes, o anarquista francês Proudhon arriscou-se ao parlamentarismo, e percebendo seu erro, concluiu que a disputa e a legitimação do sufrágio universal, não é um caminho para a emancipação das massas, pois este é um mecanismo de cooptação dos trabalhadores. Sobre sua experiência Proudhon, disse: *"é preciso ter vivido nesse retiro isolado a que se chama Assembléia Nacional, para se conceber como é que os homens que ignoram mais completamente a situação de um país, são quase sempre os que o representam."*

Estas posições sobre o sufrágio universal e as eleições burguesas continuam atuais, pois apesar de seu aperfeiçoamento o regime democrático-burguês possui a mesma essência que possuía nos tempos de militantes libertários como Proudhon, Bakunin ou Malatesta.

A atualidade da estratégia libertária

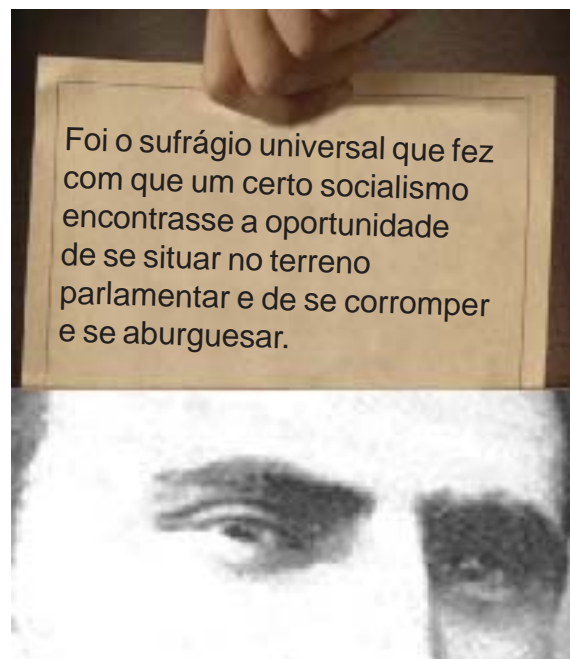
Para nós, anarquistas revolucionários, não participar ou legitimar o processo eleitoral é uma definição tático-estratégica, sendo parte do projeto de poder popular de longo prazo. Diferente do que muitas vezes é colocado, a opção libertária de não legitimar as eleições burguesas não é um princípio ideológico do anarquismo ou uma definição intransigente, baseada em dogmas, mas é fruto de uma leitura das condições históricas, conjugadas, com o movimento real da luta de classes.

Para a estratégia reformista, onde a centralidade é a disputa das eleições burguesas, nos opomos com a estratégia socialista libertária de radicalização das luta populares e a construção de organismos de poder do povo, forjados desde baixo, tendo como horizonte deste projeto de empoderamento do povo e acumulação de forças, a ruptura revolucionária firmada a partir do protagonismo do povo em luta.

Como votam os anarquistas?

O anarquismo (...) não tem nada contra o voto enquanto método, enquanto mecanismo para saldar questões que requerem soluções prácticas, como pode ser a tomada de certos acordos (...), ou como pode ser a eleição de um delegado ou de algum representante. O realmente importante é o contexto dentro do qual se aplica o mecanismo.

Os anarquistas não estão por definição contra as "eleições" como mecanismo; se nas eleções chamamos a anular o voto ou a não votar, é pelo contexto dentro do qual este voto se exerce: dentro do aparato de Estado, que desta forma valida sua dominação sobre quem se ve excluído do controle das decisões (que coincidentemente, são os mesmos que excluídos do festim dos empresários). Isto nos leva a questão de fundo: a falha está na adminsitração do sistema? Ou é necessária sua superação revolucionária? E precisamente é este o tema central do qual as eleições burguesas nos desviam, ajudando a limpar o rosto do capitalismo.

José Antonio Gutiérrez D. Fonte: anarkismo.net

Conselho Editorial:
GT do FAO
Administração:
secretariado geral da FAG
Diagramação e revisão:
Polidoro Santos
Contato de distribuição:
graficapolidorosantos@yahoo.com.br
cx. postal 5036 Porto Alegre RS
cep: 90041-970
Tiragem: 1 mil exemplares.

PERIÓDICO NACIONAL DO FAO
N°18 - Ano V - Trimestre: Julho/Agosto/Setembro - 2008 - R$ 1,00